

FÉ DE SEGUNDA MÃO: A RELIGIÃO COMO PRODUTO NO CAPITALISMO TARDIO

JOÃO VITOR DE PAULA BARBOZA¹;
ROBINSON DOS SANTOS²

¹ Universidade Federal de Pelotas – jvbarboza9820@outlook.com

² Universidade Federal de Pelotas – dossantosrobinson@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A crítica à religião de Feuerbach se demonstrou interessante para a construção da teoria crítica de Marx durante sua juventude como jovem Hegeliano. Tal influência notória é observada a partir de exposições feitas pelo autor em seu manuscrito econômico filosófico – A qual foram percebidas por Althusser enfaticamente – o qual o mesmo desenvolve conceitos que conectam uma crítica que possibilitam remontar uma reflexão crítica da relação política o qual possibilitou o desenvolvimento de um caráter materialista que há de ser expropriado a partir da fé a partir da relação desenvolvida entre religião e capitalismo.

Para isso, é necessário conhecer como a perspectiva Feuerbachiana contra a influência da religião em “A essência do cristianismo” se torna influente em Marx, tarefa não muito laboriosa dado a exposição ágil e persuasiva do autor de suas perspectivas a qual ao longo de sua comunicação com as teorias de Descartes e Hegel, afirmando a existência de Deus mesmo que sua essência persista existindo restritamente por meio da apreensão de conceitos adotados pelo pensamento.

Compreender a influência de como a relação entre sujeito e objeto ocorre, é fundamental para o conceito de alienação trabalhado por Marx, pois o autor irá desenvolver o conceito paralelamente na religião e nas relações econômicas a partir da articulação de como ambas trabalham diferentemente os modelos de alienação a qual o sujeito se relaciona diretamente a partir do próprio esforço, com seu objeto de trabalho.

Primeiramente, Marx enaltece como é possível observar as mudanças que se desenvolveram na forma como a religiosidade é apreendida de forma distinta das culturas mais antigas presentes no México e no Egito a partir do cultivo para subsistência e a forma como se dispõem a seus Deuses. Tal relação possui sustentação distinta com o padrão europeu desenvolvido com o cristianismo ortodoxo, intensificando-se com o protestantismo.

Se observarmos como a vida condicionada à alienação de si ao objeto é possível chegar a uma breve comparação com a relação do trabalhador em si com o destino de seu trabalho o qual é impedido de almejar uma *vida genérica* para que possa produzir para si. Contudo, as circunstâncias às quais estas se dispuseram, oportunizaram melhores condições de sobrevivência apesar da ameaça de marginalização pela insubordinação ao sistema produtivo de exploração capitalista.

As relações da religião com o capitalismo se tornam mais fortes no Manifesto Comunista onde Marx percebe que, diante do enfraquecimento sofrido com a expansão da burguesia, a própria instituição da fé teve que se adaptar a um novo molde que possibilitasse sua presença, desassociando-se do sistema

feudal e alinhando seus íntimos interesses compatíveis às categorias do novo sistema que teriam modificado toda uma conjuntura.

A mudança geracional promovida diante das relações entre a burguesia e a religião teriam sido responsáveis por “revolucionar” eticamente a perspectiva de contato que o indivíduo poderia se aproximar da divindade a partir do próprio trabalho. Weber possibilita tal associação ao realizar perceber que a elite de sua época era composta majoritariamente por protestantes, algo que poderia ter se demonstrado como fruto das trocas de interesses que possibilitaram conciliar eticamente a religião com a mercadoria.

Correspondente a partir destes fenômenos, é interessante analisar os resultados político e sociais que se desenvolveram pelos anos de uma aparente naturalização da religiosidade como um instrumento de exploração capitalista, possibilitando conhecer como seria possível tal relação perder seu caráter materialista “místico”. É pensando na forma como a fetichização dos produtos como resultado da alienação, que SUNG (2010), desenvolve sobre como o conforto criado por meio deste cenário, possibilita por meio da sacralização das coisas, promove um estado de imperturbabilidade como o próprio *status quo*, impedindo o desenvolvimento de debates favoráveis a partir de uma redistribuição de renda ou terra por exemplo, ao cobri-los por um “manto de fé”, garantindo o direito de uns de maioria privilegiada de nascença para a exploração de outros que dentre viver a vida pelo trabalho ou pela fé, optam pelo último.

Não há intenção alguma de ataque à qualquer instituição religiosa, mas persiste em favorecer o pensamento crítico sob a forma como a religiosidade tem se adaptado para a própria subsistência por vezes até mesmo associando-se com práticas materialistas que sobrepõem-se sob o compromisso da fé no tratamento de divindades como “gênios da lâmpada” subordinadas pela figura maior do intermediário que possibilita a realização da relação entre “homem e Deus”.

2. METODOLOGIA

Para o desenvolvimento deste trabalho foi realizado especialmente a leitura dos manuscritos da juventude de Marx em: “CADERNOS DE PARIS & MANUSCRITOS ECONÔMICO-FILOSÓFICOS DE 1844”, e passagens da “essência do cristianismo” de Feuerbach, A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo de Max Weber. Compreender como cada autor contribui conjuntamente, possibilitando uma reflexão que possibilite dispensar o emprego de caráter divino sobre determinados temas por meio de uma crítica filosófica de um favorecimento que se desenvolveu a partir de determinadas práticas religiosas que a tornaram parte intrínseca das relações capitalistas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

É necessário aprofundar-nos no cerne do debate sobre a alienação, fetichismo da mercadoria e reificação (debruçando-se seja em Lukács, Honneth ou ambos) para um movimento de introspecção social com o fim de desenvolver uma sociedade politicamente ativa e atenta que lhe circunda sobre a expropriação material da religiosidade. Para isso, é necessário um amplo estudo de teoria crítica e educação social.

4. CONCLUSÕES

Ao retomar os estudos do Jovem Marx a fim de possibilitar uma mudança partindo da análise que o autor enaltece sobre as relações capitalistas como soberanas ao bem estar do indivíduo, os quais poderiam repousar tranquilamente sob a própria crença, todavia, este se desenvolve como uma ferramenta de propagação por mais produção enquanto está simultaneamente divinizado. Logo, é necessário incentivar a reflexão e crítica sob a adequação do papel da religião como uma parte que deve ser em definitivo, necessária para estabelecer o anseio ou o repouso do homem.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo*. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.
- MARX, Karl. *O manifesto comunista*. São Paulo: Boitempo, 2005
- MARX, Karl, *Manuscritos econômico-filosóficos*, São Paulo : Boitempo, 2010.
- SUNG, Jung Mo. *Desejo, mercado e religião*. São Paulo: 4º edição revista e ampliada. Fonte Editorial, 2010.
- WEBER, Max. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.